

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 39
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 242 — Domingo, 26 de Janeiro de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

De vez em quando

TERRAS POBRES

AS manhãs de domingo destino-as, quase sempre, para visitas aos hospitais. Lá está gente do meu concelho à espera de uma palavra amiga que lhe mitigue as saudades em que arde.

Conheço quase todos e aos que não conheço sei-lhes da família e ali levamos algum tempo a conversar. Tenho agora encaminhado mais meus passos para o Rego onde se encontra um doente que é meu amigo e de cujo pai fui muito amigo também. Homem de algumas terras, escutava-lhe sempre com atenção as suas palavras cheias de moderação, bom conselho e senso comum.

Em sua casa dormi algumas

Contos Góticos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Tarde na aldeia

Uma aldeia pequena. Edição «poches». Uma casa, uma árvore, um boiinho de olhos tranquilos, o apelo da terra a retorcer-se nas almas das pessoas como uma raiz à mostra.

Trouxeram-me um escabelo. A sala de visitas é a cozinha mal enforcada. A lareira, o armário tosco, a salgadeira com o governo de todo o ano, a mesa de pinho que ainda sangra. Não conheço a família da casa. Levaram-me lá porque do panelim minúsculo se avista o largo da aldeia, onde, logo à tarde, se fará o bailarico.

Afinal choveu, a imagem saiu da capela a aproveitar uma aberta, mas o baile (o balho...) não se fez a céu aberto. O lavrador emprestou o celeiro e foi lá que todos se juntaram. Ouço daqui o harmónio bezerrar as suas valsas e seus fandangos. Ainda me lembrei de tr at lá, mas desisti. Deixá-los à vontade! Sem olhos estranhos a vigiá-los — ainda que inocentemente. A constrangê-los...

Regressei na camioneta das oito.

Mais triste ainda

O *Tó Mané*. Cinco anos. Não é um menino — é um romance! Um romance em folhetins que me apaixona mais que todos os romances. A imaginação dele, queria só que vissem! A avó, com quem ele está, deita as mãos à cabeça:

— Não sei que faça a esta

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

PORTOS DO ALGARVE

De Janeiro a Julho, de 1957, as receitas das Juntas Autónomas dos Portos foram as seguintes: Sotavento, 2.317.562\$90; Barlavento, 1.666.665\$40.

MAIS CASAS PARA AS CLASSES TRABALHADORAS

PROBLEMA da habitação, que tem ocupado a atenção de todos os governantes dos países civilizados, também tem merecido

QUADRA

ÉS FELIZ! MAS OH FORTUNA, NUNCA CHORASTE SEQUER. TENS UMA VIDA QUE RIMA PARA UMA VIDA QUALQUER.

D. R.

noites, quando a saúde de meu filho mais novo o instalou por algum tempo no seu povoado.

Visito também no mesmo hospital uma menina que não conhecia antes da sua vinda para Lisboa, mas com cuja família tinha relações de amizade.

Está bastante mal aquele meu amigo. Em volta do seu leito bastantes nos juntámos domingo passado. Tudo gente daquela região, alguns que eu não conhecia por serem muito novos

PELO

Prof. TRINDADE E LIMA

mas de cuja família lhes falei quando com eles tomei conhecimento.

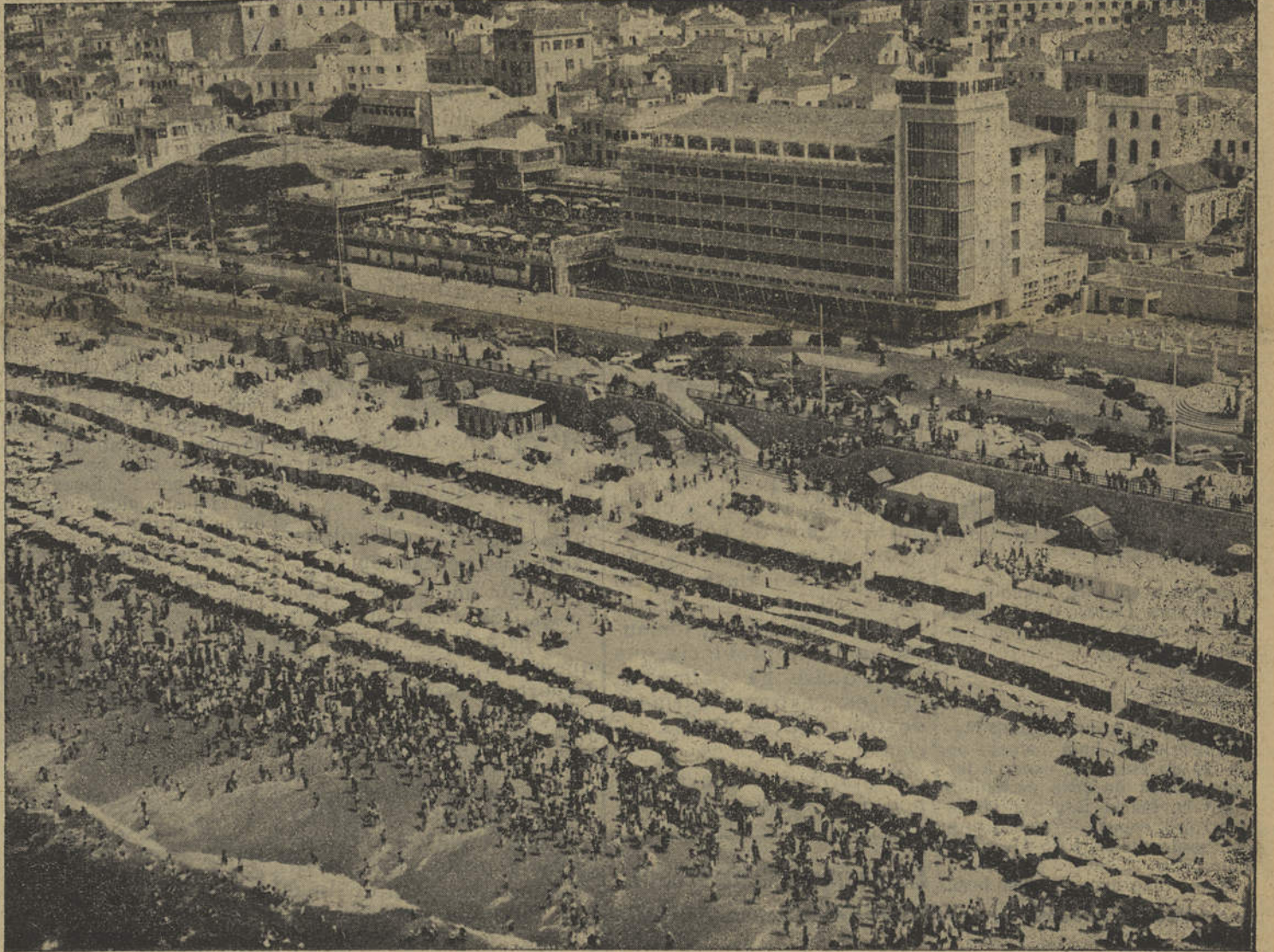
No seu pobre leito o meu amigo alhava-nos recordando-se talvez da sua casa a cujo tecto receberia não tornar a abrigar-se, de suas filhas cuja imagem trazia no coração e às quais temeria não tornar a ver.

De cada vez que um de nós o cumprimentava marejavam-se-lhe os olhos de lágrimas. Enternecia-se por nos ver em sua volta e com o testemunho da nossa amizade reanimava-se parecendo que esmorecia. Lá estávamos por ela e sentíamos satisfação por nos tornarmos a ver.

Trocámos impressões e vim a confirmar o que já sabia; aqui estão todos em Lisboa obrigados pelas necessidades da vida pois se o pão lhes não minguarda a raiz continuaria presa ao torrão natal.

Pobres plantas sem humus aqui vêm todas, desenraizadas, na enxurrada que as atrai para

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Este aspecto grandioso da Praia da Figueira da Foz, mostra-nos o que é possível fazer em Portugal, em matéria de Turismo, quando, em vez de dispersão de esforços, ou de condenáveis inércias e comodismos, se enfrentam os problemas decidida e corajosamente.

O Norte dá-nos, com o exemplo que a gravura documenta, uma sugestiva lição do que pode e o que vale um Regionalismo inteligente e bem orientado — lutando contra tudo, inclusivé contra a Natureza. Em contrapartida, nós, Algarvios, com a Natureza a ajudar prodigiosamente, permanecemos, melancólicos e contemplativos, criminosamente de braços cruzados.

SÓ OS ALGARVIOS SÃO OS CULPADOS DO GRANDE ATRASO TURÍSTICO DA NOSSA PROVÍNCIA

TEM o Algarve, porque nele não faltam motivos de atracção, e condições para vir a ser uma magnífica zona turística.

A sua pequena área, a curta distância entre as suas vilas e cidades, a ame-

CASA DA LOTA NA FUSETA

Pelo Fundo do Desemprego, o sr. ministro das Obras Públicas, concedeu à Junta Central das Casas dos Pescadores, uma participação de 20.000\$00 para a construção do edifício para a Lota da Fusetta.

nidade do clima, o contraste panorâmico, são razões suficientes para o considerar uma província excepcional.

Desde a Ponta de Sagres a Vila Real, há larga série de detalhes que, bem aproveitados, constituiriam autêntica riqueza em mãos mais hábeis do que as nossas.

Porém, salvo uma ou outra excepção, nada se tem feito para aproveitar a sério, aquilo que a natureza tão prodigamente nos ofereceu.

A mesma inércia se verifica na coordenação dos valores folclóricos tão distintos do resto do País e no registo, arquivo e realce da pintura e da poesia, tão bem expressas através dos tempos.

Faz pena a confusão, esse abandono e desinteresse,

16.884 GONTOS pagou o Algarve

de contribuição industrial, em 1957

O total da contribuição industrial paga pelos concelhos do Algarve o ano passado foi o seguinte: Faro, 3.445.253\$00; Olhão, 2.978.764\$00; Portimão, 2.141.225\$00; Vila Real de Santo António, 1.720.761\$00; Loulé, 1.296.566\$00; Silves, 1.072.508\$00; Lagos, 962.638\$00; Tavira, 915.973\$00; Lagoa, 701.198\$00; Albufeira, 457.301\$00; Alportel, 402.771\$00; Monchique, 227.192\$; Aljezur, 220.166\$00; Castro Marim, 124.536\$00; Vila do Bispo, 115.555\$00; Alcoutim, 102.519\$00; o que tudo soma 16.884.926\$00.

tanto maiores por ser a inteligência uma das características da gente algarvia.

Já várias vezes, pela palavra falada ou escrita, temos lembrado a urgente e imperiosa necessidade de procurar o caminho que nos conduza ao esclarecimento do problema turístico, parecendo-nos conhecer algumas das causas que o tornam menos acessível, menos claro!

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

JÚLIO PADESCA



apresenta

UMA CRÓNICA por semana

CONSIDERAÇÃO que todo o ser humano deve merecer, obriga a sociedade a reparar no indivíduo, a acolhê-lo no seu seio e a reservar-lhe um lugar que o dignifique e afaste de situações vexatórias. Tendo a sociedade deveres perante o indivíduo também este os deve ter perante a sociedade, obstendo-se de a prejudicar seja sob que forma for. O conjunto social que os homens criaram e têm mantido atra-

UM EPISÓDIO DA GUERRA CIVIL ENTRE MIGUELISTAS E LIBERAIS NO ALGARVE O GUERRILHEIRO

GONÇALO DE ALCARIA DO GATO

EM 1826, D. Miguel jurara a Carta Constitucional e reconheceu seu irmão D. Pedro sucessor legítimo de seu pai e contraiu esponsais com a Rainha Maria sua sobrinha, D. Maria. Estava em Viana de Austria, desembarcou em Lisboa, em 1828, para tomar a regência do reino, em substituição da Infanta D. Isabel Maria, sua irmã.

DR. MORAIS DE OLIVEIRA

Por motivo de força maior, só no próximo número poderemos publicar as declarações do sr. dr. Mário Angelo Moraes de Oliveira, ilustre deputado pelo círculo de Faro.

Pouco depois dissolveu o parlamento, que havia sido convocado segundo o regimem da Carta e proclamou-se rei absoluto. Formaram-se assim dois partidos políticos, o absoluto e o liberal e a guerra civil desencadeou-se entre eles, com todos os seus horrores.

O Algarve foi uma das últimas regiões a reconhecer D. Miguel, sofrendo por isso duro martírio em mortes, feridos e prisioneiros, enchendo-se a torre de S. Julião da

PELO

MAJOR SOUSA NUNES

Barra. Entre outros, presos o cadete de artilharia, Joaquim Tomaz de Sousa Ramos, o tenente do mesmo quadro, Luis de Albuquerque Rebelo, o coronel de milícias, Marçal Henrique de Azevedo Aboim, todos naturais de Loulé. De todas as terras do sul foi esta a que mais sofreu com o absolutismo.

O Marquês de Loulé, D. Agostinho de Mendonça Rolim de Moura Barreto, o primeiro liberal de Portugal, fora assassinado por ordem de D. Miguel, em Salva Terra de Magos, em 1824 e seu filho D. Nuno, Duque de Loulé era o chefe dos liberais portugueses.

Em 1833, o visconde de Modena

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CORTIÇA EXPORTADA

Em Agosto findo foram exportadas as seguintes quantidades de cortiça: aparas, 2.551 toneladas no valor de 10.728 contos; em prancha, 1.634 ton. e 20.436 contos; refugo, 761 ton. e 5.786 contos; serradura, 954 ton. e 4.781 contos; virgem, 355 ton. e 1.246 contos; aglomerados, 2.015 ton. e 22.685 contos; quadros, 29 ton. e 735 contos; discos, 177 ton. e 4.497 contos; rolhas, 556 ton. e 25.134 contos; obras diversas, 60 ton. e 5.925 contos. Até fins do passado mês foram exportadas, durante o ano, 1.158.000 contos de cortiça.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. eng. João Manuel Medeiros, residente em Lisboa.

Tem passado incomodado de saúde, nestes últimos dias, o nosso prezado amigo sr. dr. José Formosinho, conservador do Museu Regional de Lagos.

Com pouca demora esteve em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. António Rodrigues Rosa.

Regressou de Casablanca, onde esteve durante vários meses, o nosso estimado amigo sr. José Armando Ribeiro Rosa, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. Eurico Rosa.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Domingos, residente em Beja.

Em tratamento médico, encontra-se em Lisboa, o nosso prezado amigo sr. Pedro da Conceição.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. José Luís do Carmo.

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, o nosso prezado assinante sr. Eng.º João Eusébio Botequilha.

Nascimento

No sítio da Altura (Castro Marim) teve o seu bom sucesso no dia 20 do corrente, dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Eduarda Horta Guerreiro, esposa do nosso prezado assinante sr. João Alves Botelho.

Mãe e filho encontram-se bem.

SÓ OS ALGARVIOS SÃO OS CULPADOS DO GRANDE ATRASO TURÍSTICO DA NOSSA PROVÍNCIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Entre elas, ocupando lugar, infelizmente importante, destaca-se a ideia errada de que determinada praia, vila, cidade ou aldeia, pode ser, só por si, cartaz bastante para chamar e conservar o turista, nacional ou estrangeiro, com mais ou menos base financeira.

Esse bairrismo doentio, essa vaidadesinha caseira, conduzindo cada um para a política separatista, implica, por lógica consequência, o alheamento pelo colectivo, pelo aspecto geral, a recusa do estudo das medidas a tomar com vista ao engrandecimento do todo!

E, onde houver a preocupação de colocar em primeiro plano o regional, não há obra nacional, e onde esta não existir não há também força e progresso.

A quem atribuir a culpa deste estado de coisas senão e só aos algarvios, tão poucos e tão afastados no entanto?

Como seria fácil, fomentar na nossa província, que cabe quase na palma da mão, essa extraordinária indústria que se chama turismo!

Bastaria que houvesse a noção exacta das possibilidades e do rendimento da-

quilo que temos e, na boa harmonia, encontrar o sistema a aplicar.

Enquanto não se enveredar por este caminho, o Algarve continuará a ser uma autêntica desilusão para quem o visita pois estão descuradas quase todas as comodidades necessárias ao forasteiro que não é, até agora, recebido como merece.

Quem pode e deve providenciar para que tudo se passe de maneira diferente? os donos da casa!

Sabemos bem ser difícil entender em toda a sua extensão uma matéria complexa como é o turismo! Mas sabemos também não ficar mal a ninguém confessar-se fora dela!

Porque não têm as pessoas incluídas nesse número a honestidade de ser francas e pedir a alguém mais autorizado a colaboração que necessitam?

Se está em causa a valorização da nossa província é só para louvar que, seja quem for, esqueça a sua importância social ou financeira se desse esquecimento puder resultar benefícios para a mesma província.

Aliás, esse esquecimento só terá de ser utilizado, se a importância a que nos referimos puder representar obstáculo para a aproximação entre as pessoas que podem, em conjunto, ser mais úteis!

Deste modo, com os algarvios, em perfeita comunhão de ideias, sem falsas autoridades, a Província alcançará o lugar a que tem direito e que não ocupa ainda porque os seus filhos não quiseram.

O resto é pura fantasia!
Júlio Padesca

Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

PROVÍNCIA

TAVIRA

Monumentos Nacionais

Duas das melhores igrejas de Tavira, a da Misericórdia e a da Santa Maria, justamente consideradas Monumentos Nacionais pelo seu valor histórico, encontram-se presentemente abandonadas, por falta de reparações as quais deveriam ser feitas há já muito tempo e não se deixar chegar ao que se chegou. Brada aos céus o estado confrangido ao que se chegou e lamentamos que a Direcção dos Monumentos Nacionais não intervenha com urgência no sentido de aproveitar o que de bom ainda há nessas igrejas.

Conferências Culturais

Mais ou menos com certa assiduidade têm-se realizado na sala da Biblioteca Municipal algumas conferências culturais promovidas pelo Grupo Cultural de Tavira que têm tido larga concorrência. Tem usado da palavra vários conferentes de destaque no meio cultural algarvio. Está anunciada para breve uma conferência pelo dr. Ferreira de Almeida ilustre algarvio, erudito em obras de arte.

Funcionário Galardoado

Por despacho ministerial e por proposta do sr. Correio-Mor, foi

premiado o sr. Carlos Nery Bandeira, digníssimo Chefe da Estação dos C. T. T. desta cidade, por ter zelosamente cuidado da conservação e recheio da estação de Tavira. Por tal motivo, foi colocado no interior daquela repartição um painel de azulejos para perpetuar a acção tão honrosa e proficiente do sr. Carlos Bandeira. Daqui cumprimentos o nosso amigo sr. Carlos Nery Fernandes Bandeira por tão honrosa distinção que lhe acaba de ser concedida.

Cães vadios

Tem sido muito notado esta semana na cidade, a quantidade de cães vadios que vagabundeiam pelas ruas, sem coleira e açamo. Daqui chamamos a atenção de quem de direito, pois não faz sentido continuar a ver-se este espectáculo indocoroso numa cidade que deve ser civilizada.

O trio

Muito embora as amendoeiras comecem já a florir, prenuncio de Primavera, continua a atormentamos o frio inclemente que nestes últimos dias tem aparecido nestas paragens. Nos campos tem igualmente aparecido geada, o que danifica as culturas. — e.

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

criança. É mentirosa que não faz ideia.

Sossego-a. Que não. Que é tudo imaginação, é tudo descobrir cousas novas, o mocinho do convés que desembarcou na ilha e, encantado, descobre e descobrindo inventa. Digo-lhe que são assim as crianças e todos os adultos que nunca deixaram de ser crianças. Tenho o nome na ponta da língua: os poetas. Mas calo-o. A senhora D. Alexandrina não compreenderia. Deixou há muito de ser criança, parece que o não foi nunca, pelo menos não se lembra, ela o diz.

Nunca ter sido criança — é triste. E' o ainda mais deixar de o ser. Livre-me Deus a mim dessa desgraça!

Que há-de ser, em lugar das perdizes

Mas é verdade, o Tô Mané. Ele, com uma pistola americana que lhe deram.

— O' Tô Mané! Para que queres tu isso?

— É para matar.

— Quem? Pessoas?

— Não...ão.

(O lunante! Hesitou depois de ver os seus olhos. Psicólogo o bichinho!)

— Então quem?

— Pássaros. Isso, para matar pássaros. Ainda ontem no par-

que matel duas perdizes...

Parece que o riso, que já me ferue no peito, se me vai estalar nos lábios. Para disfarçar, finjo-me sério, banco o moralista:

— As perdizes! O' Tô Mané...

Um pássaro tão bonito...

Hás-de reparar. Tem o arco-íris nas penas — mas um arco-íris ainda mais bonito do que aquele que vimos ontem. E depois é tão graciosa a voar...

Tô Mané olhou com atenção a mão espalmada com que figurei o voo da perdiz. Voltou a levar a cabeça do leite à boca. Sorveu com ruído. E depois, a concluir a luta que, às escondidas, se travava no seu íntimo, exclamou com um sorriso:

— Bem, então se quizeres não matel as perdizes, Faz favor dizes-me o que não te importavas que eu matasse!

Estou a ver daquel acender-se, em cada boca, uma velasinha. Tô Mané... Tomem nota que voltarei a falar-lhes dele.

Não há ambiente

A destruição de duas cidades japonesas por bombas atómicas durante a última guerra, marcaram dois dos momentos mais negros que a Humanidade viveu até hoje. A partir de aí, o medo e a aversão a essa maneira de combater alastraram no mundo a uma velocidade espantosa. A tal ponto que, pôde-se dizer, não existe em nenhum lado ambiente para uma aventura atómica.

E' preciso, porém, que se saiba que o perigo para a Humanidade não deriva, apenas, do desencadeamento de um guerra atómica. Os próprios ensaios atómicos trazem o ventre carregado de peste. Herman Muller, Prémio Nobel, afirma que, em virtude das radiações atómicas, 300 mil crianças da nossa geração nascerão anormais...

Hoje em dia, Horror escreve-se com maiúscula. Guerra também. Mas também O'dio A' Guerra.

Maria Manuel Nunes

QUEM PERDEU?

Encontram-se depositados no posto da P. S. P. desta vila, os seguintes objectos que serão entregues a quem provar pertencer-lhes: 2 canetas de tinta permanente e uma luva de senhora.

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 18 a 24 de Janeiro:

Entrados:

MARIA CHRISTINA, de 549 ton. e ZE' MANEL, de 926 ton., Portugueses, ambos de Lisboa; vazios. ARION, Alemão, de 3.156 ton., de Cadiz, com carga em trânsito.

Saídos:

MARIA CHRISTINA, com enxofre, para Lisboa. ZE' MANEL, com minério, para Lisboa. ARION, com alfarroba, para Avonmouth.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 25 a 31 de Janeiro a Farmácia, CARILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone, 49.

CARTAZ DA SEMANA

CINE-FOZ

Hoje, VAI HAVER SARILHO, o melhor filme do popular artista Eddie Constantine e May Britt.

Terça-feira, o emocionante filme em écran Panorâmico, S. O. S. METALUNA.

Quinta-feira, a arrojada produção em Cinemascope, O HOMEM QUE NUNCA EXISTIU, com Clifton Webb e Glória Grahame.

BAILES DE CARNAVAL

Glória Futebol Clube — Hoje, pelas 22 horas, animado pelo conjunto «ARCO-IRIS».

Lusitano Futebol Clube — Hoje, pelas 22 horas, com a orquestra «ESTRELA DO SUL».

Quinta-feira, pelas 22 horas, com a mesma orquestra.

SECÇÃO DE PESCA DESPORTIVA no Clube Náutico

Conforme noticiámos na passada semana, reuniram-se no Clube Náutico local, vários amadores de pesca desportiva, afim de organizarem uma secção de pesca desportiva, integrada no mesmo Clube.

De reunião, onde se discutiram os assuntos de maior interesse com a pesca desportiva, a que o Clube Náutico dará o seu maior apoio, ficou estabelecido criar uma secção integrada no Clube Náutico, mas com autonomia própria.

Dentro os vários festivais a realizar, ficou estabelecido, organizar um grande festival de pesca desportiva em princípios de Abril.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarista nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —

HORACE MC COY

NO Inverno de 1946 um telegrama de Paris para a secção de crítica literária do New York Times citava um facto curioso.

O autor de um livro americano, desconhecido no seu próprio país, estava a ser aclamado em França como sendo da categoria de Steinbeck ou Hemingway. O escritor era Horace Mc Coy; o livro, o seu primeiro romance «They Shoot Horse, Don't They?», que fora publicado na América em 1935 e desaparecera no meio da avalanche de best-sellers comerciais. No caso de Mc Coy como em vários outros, a América só reparou nele depois de o estrangeiro o ter reconhecido como um escritor de interesse real. Nascido em Nashville, no Tennessee, em 1897, começou a trabalhar aos doze anos, vendendo jornais. Foi caixeiro viajante através de Louisiana, Mississippi, Georgia, Arkansas, Tennessee e Texas; guiou um taxi em Nova Orleans e em Dallas; prestou dezoito meses de serviço em França durante a primeira guerra mundial, foi ferido; e trabalhou de 1922 a 1930 como repórter e redactor desportivo do Dallas Journal. E' um dos fundadores do célebre Teatro Experimental de Dallas.

Depois de 1930 andou pela Costa da Califórnia — trabalhando na colheita da fruta nos Vales Imperial e de San Joaquim, como barmán, servindo de guardacostas dum chefe político, substituindo um lutador doente, fazendo de árbitro num concurso de dança (o célebre marathou dance do seu primeiro romance — a bárbara competição de re-

sistência em que os concorrentes dançam dias a fio até irem caindo de exaustão).

Começou então a escrever para o cinema e para os magazines. Depois de They Shoot Horse, Don't They? (1935), o seu segundo livro foi O pão da Mentira, editado em Inglaterra em 1937 e só em Novembro de 1918 publicado na América, numa edição de Signet Books que já deve ter ultrapassado o milhão de exemplares. E' um livro com muitas traços autobiográficos, como o primeiro. Em 1938 saiu I should have stayed home, uma crítica à vida dissoluta de Hollywood; e, depois dum intervalo de dez anos, em 1948, saiu Kiss Tomorrow Goodbye, um retrato cru da era de Dellinger, a história dum gangster implacável na sua luta pelo poder e numa intencidade extrema e brutal. Dele disse Don Tinkle: «O livro faz com que as obras de James M. Cain e de outros escritores da violência pareçam quase tímidas e recatadas. De Kiss Tomorrow Goodbye foi extraído um filme hoje já célebre, interpretado por James Cagney, que ainda não foi apresentado em Portugal.

O estilo e a narração de Mc Coy são característicos da tradição dos Sinclair Lewis e dos Dreiser — um gosto no desfiar da acção, um aparente desprezo pelas subtilezas formais do ofício de escrever e uma atitude inconformista e de crítica imediata.

In «O Pão da Mentira».

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

RADIOTÉCNICO

Precisa a ELECTRO VITÓRIA

Rua Santa Isabel, 70 — PORTIMÃO



O seu bebé é o seu encanto, o seu prazer e a sua maior riqueza. Seja forte para o poder educar e dê-lhe também uma alimentação à base de OVOMALTINE, o produto mundialmente conhecido como sinónimo de saúde. Robusteca o seu filho, para um futuro melhor. A OVOMALTINE constitui uma reserva de elementos energéticos e de valor biológico que nenhum outro produto possui.

OVOMALTINE

OV-2-56

DAR-LHE A FORÇAS

VENDE-SE

Barco construído em 1957. Comprimento 16,30; Boca 4,66; Pontal 1,77. Equipado com Motor DEUTZ 110 HP. 450 r/m.

Popa redonda, com 2 porões. Optimo para a costa de Marrocos.

Trata: SÉRGIO & DIAS, Lda.

PORTIMÃO



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Novamente os grupos algarvios nos primeiros lugares

Olhanense, 2 - Montijo, 0

Uma assistência numerosa esperou assistir a partida renhida, plena de coesão e jogo limpo, e a sua expectativa não foi iludida, em parte.

A réplica esperada dos visitantes filiou-se, no entanto, mais na dureza, no jogo sistemático. Actuando com seis homens na defesa, aproveitava-se das descidas, com passes em profundidade, para invadir o campo adversário, fazendo-o por vezes, com evidente perigo.

O Olhanense entrou no terreno disposto a ganhar, apresentando um jogo decidido, dando boa réplica. E em breve se colocou no comando da partida.

A linha da frente parece ter criado novos alentos. Está mais incisiva.

Angelo, no eixo do ataque, já não teve excesso de «driblings», abrindo bem o jogo pelos extremos.

Silvio actuou ainda por vezes recuado, rectificando mais tarde a posição e beneficiando da velocidade das desmarcações. E verificou-se o poder de remate.

O descanso forçado de Cava acabou por ser benéfico, pois no domingo distinguiu-se a grande altura. Na defesa dos locais também se notou mais confiança, não obrigando, pois, os médios a cuidar mais das linhas recuadas.

A segurança com que a equipa jogou traduziu-se frente à agressiva turma do Montijo por um domínio contínuo, mas na defesa porfiada os montijenses também tiveram sorte.

Portimonense, 1 - Juventude, 0

O jogo começou praticamente com o Juventude ao ataque. Os algarvios ripostaram, mas sem convicção. A turma visitante usando da boa antecipação, cortava todos os ataques da turma local.

Os visitantes faziam os seus ataques pelos extremos, mas, sem contudo, criarem perigo na baliza à guarda de Daniel.

No começo da segunda parte o Juventude deu tudo por tudo para modificar o resultado, que quase ia conseguindo, por intermédio do seu interior Mira, mercê de um remate que partiu quando Daniel estava baído. No entanto, o defesa Rebelo, entre os postes, defendeu de cabeça e evitou o tento.

Os locais, presentindo o perigo, lançaram-se ao ataque, mas sem a convicção necessária.

Os visitantes foram uma equipa enérgica e animosa, dando ao encontro animada movimentação. Peranteu-lhes certo domínio territorial, aliás sem aproveitamento, em virtude da deficiência de remate dos seus avançados.

A equipa local, sentindo a responsabilidade do encontro, não conseguiu durante os 90 minutos de jogo libertar-se da tensão nervosa que acusou logo de início.

Já perto do declinar do encontro, o Portimonense procurou com afinco o funcionamento do marcador, aliás sem resultado. E assim o encontro terminou com 1-0.

Estoril, 1 - Farense, 1

Logo no começo, qualquer das equipas podia ter marcado, mais flagrante, porém, a «perda» dos visitantes, a um minuto de jogo. Na sequência de um canto marcado por Armando, o esférico caiu

em frente da baliza estorilista e, após remates sucessivos, um dos quais defendido sobre o risco, Tarro, sem o guarda entre os postes, atirou ao lado.

Da banda do Estoril, foi Uria que não conseguiu saltar mais alto do que Ventura, pois, caso contrário, a bola entraria na baliza.

Só a um minuto do final do primeiro tempo surgiu o golo do Farense: Vieira lançou Armando, que, por sua vez, centrou; Tarro recolheu o esférico, endossou-o a Realito, que serviu Balela; este, que ainda bateu na face inferior da trave, não perdoou.

Já no declinar do prélio o Estoril conseguiu o prémio da sua aplicação: Bento, caído, provocou grande penalidade ao tocar a bola com o braço; Serra Amaro marcou o «penalty», a bola foi ao poste. mas, na recarga, Caracol disparou um «tiro» fulminante, alcançando o golo.

Outros resultados

- Almada, 1 - Coruchense, 0
- Serpa, 1 - Atlético, 1
- Arroios, 3 - Montemor, 0
- Portalegrense, 1 - Beja, 1

Classificação

| | |
|--------------------|-----------|
| FARENSE | 29 pontos |
| Olhanense | 28 » |
| Portimonense | 25 » |
| Juventude | 25 » |
| Arroios | 24 » |
| F. C. Serpa | 23 » |
| Atlético | 22 » |
| Desportivo de Beja | 22 » |
| Montijo | 22 » |
| Coruchense | 15 » |
| Portalegrense | 13 » |
| Estoril | 13 » |
| Almada | 13 » |
| Montemor | 7 » |

Jogam hoje:

Beja-Olhanense (0-5); Montijo-Almada (1-3); Coruchense-Serpa (1-5); Atlético-Portimonense (3-2); Juventude-Arroios (1-1); Montemor-Estoril (1-5); Farense-Portalegrense (1-0).

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

No passado domingo, realizou-se os primeiros jogos da 1.ª volta, a contar para a Campeonato Nacional da 3.ª Divisão, tendo-se verificado os seguintes resultados:

- Lusitano, 2 - Silves, 3
- S. Brás, 2 - S. Domingos, 3
- Despertar, 0 - S. Ambrásense, 2
- Aljustrel, 1 - Moura, 1

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro».

Lusitano: Abrão; Pescada, Antunes e Daniel; Padesca e Campos; Vitoriano, Marco, Parra, Araujo e Ludgero.

Silves: Inácio; Baia, Filipe e Hernani; José Maria e Carlos Silva; Lourenço, Helder, Silvério, Peixoto e José Domingos.

Árbitro: Rosa Nunes, de Faro. Ao intervalo, os lusitanistas venciam por 1-0, golo de Parra, aos 5 minutos. Na segunda parte, igualmente aos 5 minutos, Peixoto igualou.

Aos 10 minutos, Vitoriano deu vantagens, aos locais. A seguir,

UM EPISÓDIO DA GUERRA CIVIL ENTRE MIGUELISTAS E LIBERAIS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

los (D. Francisco de Paula Vieira da Silva Tovar) ordenou ao Remexido e ao major Camacho, que se encontrava no Baixo Alentejo, que fizessem a aclamação de D. Miguel no Algarve. O Remexido desceu por S. Bartolomeu de Messines fixando-se em Albufeira encarregado de proclamar D. Miguel em todo Barlavento, em 19 de Julho.

Em 24 do mesmo mês, Camacho entrou em Loulé, arrebanhando toda a gente que ponde serra abaixo, miguelistas ou liberais e a mortandade foi cruel. Todos os Algarvios se reconheceram Miguelistas até à entrada divisão de Terceira, em Cacela.

Desse dia fora, todos se fizeram liberais, dispersando-se em grupos por toda a província, de Sagres a Vila Real, dando caça aos miguelistas, que se não puderam disfarçar em Liberais.

Gonçalo de Alcaria do Gato era um Miguelista sincero, mas incapaz de fazer mal a uma mosca. Quis a sua má sina que viesse um dia de Faro, montado na sua possante e inofensiva mula preta e junto da quinta de Mare-Guerra, a alguns quilómetros do Oceano, avistasse ao longe um partido de malhados, em atitude de quem procura Miguelistas Instintivamente, desceu do animal e foi esconder-se no gargalo de nora.

Os malhados descobriram a sua manobra. Posto que o não conhecessem, presumiram, pela sua acção, que fosse inimigo. Procurando-o, sem lhe pedirem explicações, apontaram as armas, e descarregaram-nas, precipitando-se no fundo da nora, meia de água.

Gonçalo era casado com mulher nova e bonita, um nada volúvel mãe de dois meninos, Manuel Gonçalves de seis anos e Isabelinha de quatro. A notícia chegou à terra dando-o a ele como irremediavelmente perdido, a mula a pastar filosoficamente na Bela Salema.

Vamos ao menos salvar o animal, que ainda vale algumas libras, pensou a viuva. Aparelhou a burra, montou Manuel à frente, Isabelinha atrás, ela no meio e puseram-se em marcha, numa manhã em que tudo parecia vir abaixo com chuva.

Deram a volta pelo sítio da Amendoeira, alcançaram o caminho do Morgado de Apra e por ele seguiram até encontrarem ao fundo do Amendal um ribeiro, com mais de um homem de água em altura. As crianças tiveram medo e romperam em choro desfeito. Do lado direito, ficava o cerro chamado Barrocal da Fonte, tão pedregoso e arborizado, naquele tempo que sugeria a lembrança de uma residência de lobos e de outros bichos inimigos do homem. Um pastor que estava perto e os ouviu chorar, indicou-lhes outro caminho no Amendal, para o Mare-Guerra, no qual havia um aqueduto por onde toda a água se esquivava.

A mãe ordenou ao filho que torceu-se a cabeça da burra, segundo o caminho indicado, pela orla do medonho cerro. A meio dele, cerrou-se a chover. A direita havia uma casa de boa aparência. O animal, sem ouvir os donos tomou obstinadamente pelo atalho que dava acesso à moradia.

Lourenço, do Silves, recebeu ordem de expulsão. Aos 20 e aos 25 minutos, apesar de jogarem só com dez elementos, os visitantes fizeram dois golos, por Domingos e Silvério.

Percorridos tanto como seis passos, os moços descobriram uma alfarrrobeira, de tronco tão grosso como um moínho de vento e de ramaria tão abundante e fechada que escurecia as paredes do céu. Os pequenos saltaram em terra e abrigaram-se da chuva numa loca aberta no tronco.

A mãe, depois de ralar, fez a mesma coisa e os três desentranham-se a rir, com a partida feita à burra. Do cerro desceu um homem, com uma sachola ao ombro e ouvindo rir, olhou e levando a mão ao chapéu, antes de cumprimentar, exclamou:

— Que fazem aí, criaturas de Deus, com este dia de chuva?

— Estamos abrigados dela, como vê, respondeu a mãe.

— Venham abrigar-se para minha casa, que vão aí molhar-se todos, quando chover mais.

— Nós não somos daqui e temos um grande receio de encontrar-nos os malhados, que mataram meu marido, o pai destes meninos.

— Que desgraça! Minha mulher morreu de susto no primeiro dia do «barulho» deixando-me três crianças sem mãe.

— O sr. não pode ser um malhado?

— Mas somos todos agora e só fazemos mal a uma formiga por engano. Fazem favor de vir para minha casa.

— Agora chove menos e não sabemos da nossa burra.

— O «monte» não tem outra saída, logo não estará perdida. Não se importe mais com a burra. Deixe ficá-la, fique vocemecê também mais os meninos. Que vão fazer agora para a sua terra, sem marido e os meninos sem pai. Eu é que sei o que me tem custado a vida sem companhia.

Vamos-nos embora, antes que chova mais. Alcaria do Gato era o nome do meu homem e da nossa terra.

— Não me esquecerei mais. Manuel Guerreiro Besouro para a servir. Tenho estas casas, este «monte» e outras terras fora.

Não passou seis dias que a não fosse ver e seis meses que não casasse com ela, trazendo-se consigo e ao menino para a sua casa do Barrocal da Fonte, onde se conheceram. A menina ficou com a avó.

As grandes lutas dos dois partidos continuaram mais azeas no país entre os partidos rivais. Em 1834, D. Miguel acabou por ser expulso para a Austria, deixando o governo a D. Pedro IV em nome da sua filha, mas antes eram muito mais absolutistas e cruéis do que o infeliz destronado. D. Pedro morreu, dizia-se duma maneira deshumana, às mãos da gente nova e culta. Em 1836, rebentou uma revolução, verdadeiramente liberal, chamado a revolução dos poetas ou Setembrista, dirigida por Passos Manuel, comandado pelo jovem poeta Almeida Garrett.

Este impôs o seu plano de instrução que muito devia de agradar ao povo das províncias e até da capital: Uma escola primária em cada freguesia, um liceu em cada capital do Distrito, uma escola de musica em Lisboa, outra no Porto, um teatro na capital que substituisse o de Gil Vicente, do tempo de D. Manuel.

O pequeno Manuel Gonçalves, que aos anos começou a sentir uma sede insaciável de ser educado nas letras viu-se rodeado de escolas, mas todas a cinco quilómetros de distância: uma em Loulé, outra em Santa Bárbara, outra em S. Brás, que só poderia frequentar com a burras. Professores improvisados da vila começaram a instalar-se no campo, a ensinar rapazes de poucos recursos para fazer todos os dias cinco quilómetros a pé, onde ficava a escola da freguesia.

Aos vinte anos, Manuel Gonçalves era o moço mais belo, trabalhador e instruído do seu sítio, merecendo a melhor moça para sua esposa, e filha das melhores famílias das redondezas, tornando-se um dos pequenos lavradores mais estimado da terra.

As grandes lutas entre o povo e os novos reis que sucediam uns aos outros, continuavam, como no tempo de D. Miguel e de D. Pedro, até que o último deles foi expulso por uma revolução popular, em 5 de Outubro de 1910. Os reis todos eram estrangeiros, ninguém lhes conhecendo pátria em parte alguma no universo e agora iam governar os filhos de Portugal.

D. Miguel estava vingado.

Sousa Nunes

Visado pela Comissão de Censura

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



NOTICIÁRIO DOS CINE-CLUBES

Na noite de 15 de Novembro do ano findo, o Cine-Clube Olhanense, levou a efeito de colaboração com a Shell Portuguesa, uma sessão de formato reduzido (16 mm).

A sessão teve lugar numa sala de um Clube Recreativo, à falta de melhor local, e foi a primeira do género que aquele Cine Clube levou a efeito. Digo mesmo, foi a primeira destas sessões que se realizou no Algarve, não obstante a existência de três Cine Clubes todos com 1 ano ou mais de actividade. Contudo não seria isto de mencionar se não se verificasse nessa realização um debate sobre os filmes exibidos, no final da sessão.

Do programa fez parte «A canção das nuvens», apresentado pela primeira vez em Portugal e que aparecerá brevemente num cinema da capital.

Esta curta metragem de Bert Haanstra que já nos deu «Ritmos e luz» e «Espelho da Holanda», não tem o interesse de qualquer destes dois filmes, mas apresenta uma realização impecável, sequências maravilhosas. Realmente o filme não passa de uma propaganda, muito bem feita, aos transportes aéreos mas, que nos pudera auxiliar num estudo sobre os métodos deste realizador. O espectador assiste à preparação de uma viagem aérea em várias partes do mundo, e à deslocação das aeronaves contendo passageiros de todas as raças e condições sociais. Durante o voo, aproveita-se a oportunidade para tomar conhecimento da poderosa e complexa organização que permite a relativa facilidade de uma viagem aérea. Assim, visitamos hangares e aeródromos de todo o mundo. Passamos por escritórios e assiste-se a conferências da I. A. T. A., poderosa organização que superintende as viagens aéreas de todo o mundo. Por fim, acaba a viagem com o aterrissar dos aparelhos tendo cada passageiro realizado o objectivo da sua viagem — negócios, conferências, visitas de estudo, turismo, etc.

Durante o decorrer da película nota-se a preocupação artística do realizador, variando constantemente a posição da máquina oferecendo tomadas de vistas em ângulos absolutamente audaciosos; criando sugestões terríveis ou agradáveis com os diferentes maquinismos de um avião; apanhando o espectador de surpresa pela maneira inesperada como apresenta certos aspectos, etc.

Se acrescentar que todo o filme decorre com aspectos novos e diversos, tendentes a despertar o interesse, que o colorido é notável e que o espectador infalivelmente, se mantém interessado e curioso do princípio ao fim; podendo concluir-se que, aqui, o cinema mostra-se no seu aspecto pedagógico e de divulgação, mais elevado.

Películas realizadas desta maneira que conseguem manter o público interessado, tornam qualquer enfadonha lição de História ou Geografia, num espectáculo cheio de interesse e absolutamente profícuo.

Quando nos poderemos gabar da sua existência nas nossas escolas e liceus? Projectou-se a seguir «Lord Silva danced» — O Deus Silva dançou —, que demonstrou bastante interesse nalguns sectores da assistência.

Esta película é um nítido exemplo de quão bem o cinema pode servir as outras artes. Não nos restam mesmo dúvidas de que é cinema que mais e melhores condições reúne de divulgação artística, entre conhecidos, até hoje. Assistimos a cinco tipos de

bailados indús e afirmamos que estivemos com vantagem sobre os que possam tê-los visto «in loco». Sim, o cinema com todas as possibilidades de análise e síntese de que dispõe, não diremos que complete ou melhore qualquer outra arte — seria disparate dizê-lo mas, cria algo novo com base no que captou. Frizemos o caso especial da pintura que através do cinema se nos apresenta com aspectos inéditos e composições desapercibidas até aí.

Nesta curta metragem a máquina, muito bem manejada, disseca os movimentos do bailarino, capta composições de luz e sombra e cria sugestões com uma facilidade engenhosa. A dança indú por vezes monótona, adquire então maior beleza e diversidade pois que quase todas as imagens podem constituir uma excelente fotografia.

Do quarto filme—View of Middleharnis — (A terra salgada de Middleharnis) — há a notar a sequência quase perfeita, transmitindo as várias fases do que foi a tarefa árdua da recuperação das terras invadidas pelo mar aquando do rebentamento dos diques da Holanda em 1955.

O filme de carácter documental leva-nos à conclusão do quanto pode a coragem e fé do homem, quando se junta na disputa com a natureza. Além disso, é servido por boa fotografia e por um acompanhamento sonoro rico, dando por vezes o ritmo do trabalho mecânico, do deslizar das correias e engrenagens, do picar, bater, alizar, — enfim, mil e uma tarefas que entram nessa reconstrução memorável.

Por fim exibiu-se «Rival World» — A grande ameaça-média metragem de Bert Haanstra que já esteve em exibição num cinema da capital em 1956. Outra vez ficamos maravilhados e em sobressalto com o mundo estranho dos insectos. Outra vez tememos as horríveis doenças que propagam e outra vez mais nos surpreendemos os métodos prodigiosos deste realizador. A surpresa, a angústia, a emoção verdadeira e a curiosidade dominam nesta película.

Haverá um dia em que só insectos reinarão sobre a terra, ou conseguirá o homem dominá-los?

Contra as expectativas o debate final reuniu um número razoável de interessados. Alguns discutiram os filmes. Houve opiniões mais acertadas, outras menos, e são precisamente estas que nos dão incentivo para continuar.

Futuramente mais e mais interessados aparecerão, mais e mais discutirão, com consciência, sobre cinema.

Cremos nisso. O citado sobre os filmes é em parte colhido das conclusões tiradas do debate, o que me parece poder concluir que, resultou.

C. Santos

As mais lindas Rosas de Portugal
As mais famosas árvores de fruto

Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques
Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis
Moreira da Silva & F.ª L.ª
Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

O RELÓGIO QUE DEVE USAR

ALTA CATEGORIA E PRECISÃO
INCABLOC - ANTI - MAGNÉTICO
REGISTO DE PRECISÃO
GARANTIDO CONTRA TODOS OS ACIDENTES

Telmar



A VENDA EM TODAS AS BOAS RELOJOARIAS E OURIVSARIAS DO PAÍS

ADQUIRA UM «TELMAR»

ANUNCIE NO «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

As maiores Firms portuguesas estão a preferir o «NOTÍCIAS DO ALGARVE» para a rápida expansão dos seus produtos na nossa Província

A GRANDE EXPANSÃO E POPULARIDADE DO «NOTÍCIAS DO ALGARVE» EM TODOS OS SECTORES DA VIDA ECONÓMICA E SOCIAL DA NOSSA PROVÍNCIA, GARTEM UMA ÚTIL E PROVEITOSA PUBLICIDADE

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

DINHEIRO

A primeira condição, para desprezar o dinheiro, é possuí-lo. Não cabe ao pobre desprezar aquilo de que precisa.

Em muitos casos, mesmo, o rico dá-se ares de desprezar o dinheiro, pela sumária razão de que não lhe custou a ganhar. Não lhe sabe o preço. Não sabe de quantos suores ele é, por vezes, amassado. Se Maria Antonieta — Madame Deficit, como lhe chamaram na Revolução — deu pontapés no dinheiro, isso se deve atribuir a que ela nem suspeitava do verdadeiro significado da miséria que lá por França. Quando lhe observaram que o povo francês não tinha pão para comer, respondeu ela: — Então porque não come bolos?

O CASAMENTO DE FÍGARO

A respeito d'O Casamento de Fígaro, dizia Beaumarchais: «Só houve uma coisa mais louca que a minha peça: foi o êxito dela.»

Primeiro que Luiz XVI autorizasse a representação dessa peça, levou tempo. Peça proibida foi, porém, peça apetecida. Todos, até mesmo aqueles a quem ela havia de perder, ansiavam avidamente pela sua representação. Por fim, Luiz XVI, sempre indeciso e pobre homem, lá autorizou a representação. O desgraçado tinha o pressentimento de que no bojo daquela literatura vinha a Revolução. Não se enganou. Vinha mais do que a Revolução; vinha a guilhotina que lhe havia de vindimar a real cabeça.

AMIGOS

Todos nós, mais ou menos, temos três espécies de amigos: os que nos conhecem mesmo na adversidade — e esses são os verdadeiros —, os que só nos conhecem quando estamos na grimpagem, e, finalmente, os que são nossos inimigos disfarçados.

UMA CABEÇA VINDIMADA

Um tempo houve em que cada um dos reis dizia: «Se eu fosse rei de França, nenhum canhão daria um tiro na Europa, sem o meu consentimento.»

Foi isto no tempo de um dos Luizes — o XIV. Ora, se este Luis não deixava levantar a grimpagem dos povos estrangeiros, como deixaria que o seu próprio o levantasse, a quem governou como quem governa carneiros?

Tempos viriam, porém, e não estavam muito longe, em que outro Luis — o XVI — até pela própria mulher seria chamado o pauvre homme. Quanto aos seus súbditos, sabido é que lhe vindimaram a cabeça.

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário
Armando R. Cruz

MAIS CASAS PARA AS Classes Trabalhadoras

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Corporativo, fiel à linha traçada e desejando dar satisfação às necessidades que se lhe apresentam, tem o problema da habitação para os trabalhadores uma preocupação permanente. Dentro desta linha de ru-

De vez em quando...

TERRAS POBRES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

um meio que não conhecem, que não amam e onde se sentem estranhos. Por isso se animam quando se encontram. Ao ver conhecidos, amigos, julgam por momentos que voltam a onde partiram sacudidos pelo vendaval das necessidades.

Um dos mais velhos lastimava-se porque eram já violentos de mais para a sua idade os trabalhos do Metro e pedia para ver se entre os que o ouviam algum lhe arranjava trabalho mais condizente com as suas já depauperadas forças. Eu bem me lembro de o ver lá, serçalado de outros de mais haveres.

Têm os poderes superiores de atentar neste momentoso problema, tão grave que poucos conhecem que se lhe avantejem nesse sentido.

Os campos vão ficando despidos de braços válidos por falta de ocupação. Só lá ficam os que já não podem ou ainda não podem. E não se adaptando à cidade são nela elementos de perturbação o que não quer dizer que sejam indisciplinados ou desordeiros.

Falo pelo conhecimento do meu concelho.

A erosão tem escalvado os montes, de cada vez mais nus, mais agressivos. Parece-me que só a arborização resolveria, em parte, esta angustiosa situação. Mas a população é pobre, não tem meios para a fazer em escala que deve ser larga, nem pode esperar pelos frutos.

Têm aqui a palavra os técnicos e folgamos que se não demore e quando se ouça seja adequada e expressiva.

Trindade e Lima

mo, o Sr. Ministro das Corporações, Dr. Veiga de Macedo, visitou, há dias, algumas regiões do País, inteirando-se das obras realizadas e das que vão entrar em execução.

Nos concelhos de Cascais e Oeiras, o Sr. Dr. Veiga de Macedo teve ocasião de apreciar os bairros já construídos e de lembrar a necessidade de se adquirirem novos terrenos onde possam erguer-se dentro em breve novas casas.

Em Cascais, com o dinheiro da Previdência, já ali foram construídas 162 habitações no valor de 15.000 contos; na Parede, serão construídas 160, num total de 17.000 contos; e no mesmo concelho outros bairros se erguerão quer por directa construção do Estado quer por cedência de terrenos aos beneficiários das Caixas de Previdência e por empréstimos daquelas instituições, tal como está previsto na proposta de lei do Ministério das Corporações e pendente para apreciação na Assembleia Nacional.

Seguindo para o Norte, o Sr. Dr. Veiga de Macedo visitou depois alguns bairros de casas de renda económica do Porto destinados a trabalhadores e construídos com dinheiros da Previdência, bem como de Braga e arredores, os quais, concluídos, muito contribuirão para a solução do problema habitacional das classes trabalhadoras.

São muitos os milhares de contos investidos nesta realização. Mas no prosseguimento do programa traçado, o Estado português, sempre no desejo de poder garantir a cada família uma casa sua, não se poupa a esforços. E a obra prossegue sem desfalecimentos.

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

recurso. Além da prática resultar num fardo para os homens válidos, inferioriza quem a solicita e implica numa degradação moral a par da criação de um vício. Desde há muito se chegou a esta conclusão. O que importa é, realmente, readaptar o inválido para uma vida nova, uma vida economicamente independente que o coloque paralelamente aos outros indivíduos.

Nada mais lógico, portanto, que a criação de tantos institutos de readaptação quanto os que forem necessários. Mas uma vez feita a recuperação do inválido deve o trabalho ser-lhe assegurado, sem prejuízo, todavia, dos homens válidos. O que se deseja é que válidos e inválidos encontrem ocupação segura e compensadora para a sua valia profissional.

Os operários ou empregados inválidos encontrarão, através de um trabalho útil, a razão verdadeira de viver e deixarão de considerar que constituem um fardo para os demais.

Ao Estado compete o estudo e conveniente solução do problema e com ele podem e devem colaborar as entidades particulares.

Deixar ao livre arbítrio das instituições de beneficência — filantropistas e bem intencionadas seguramente, mas inoperantes — a iniciativa de socorrer os cegos ou os aleijados; dar-lhes um mealheiro para recolher a dádiva compadecida dos transeuntes, são atitudes sem significado social que não resolvem nem podem resolver a situação de quem recorre, de uma forma ou de outra, à caridade pública, por dela ter necessidade.

Insistimos na necessidade de recuperar para a vida, como elementos úteis à criação da riqueza de que carecemos para viver melhor, todos os indivíduos que a fatalidade marcou para toda a existência.

José dos Santos Marques

A REVISTA MUNDO E O SEU CONCURSO DAS FÉRIAS

Sabemos ter despertado o maior entusiasmo em todo o País o recente concurso organizado pela Revista Mundo, a dinâmica revista dirigida pelo jornalista Gentil Marques e que atinge presentemente mais de 80 a 40 mil leitores.

De facto, é para causar surpresa tão importante iniciativa que vai facilitar a centenas de pessoas a possibilidade de gozarem as suas férias nos melhores centros de recreio da Europa sem dispender qualquer quantia.

Revista Mundo, continua deste modo a par da sua excepcional feitura gráfica e técnica, a dar aos portugueses, a acção das grandes revista internacionais.

LEITOR

SE COLABORAR PARA A EXPANSÃO DESTA JORNAL, QUE TAMBÉM É SEU, PRESTA UM BOM SERVIÇO AO ALGARVE.



LEITORA tem sido esquecida nestas modestas crónicas que ilustram esta página. Esta crónica, talvez a primeira, é-lhe dedicada.

Há dias, numa noite friorenta e de chuva miudinha, fui ao cinema Alvalade — aquele moderno cinema do populoso Bairro de Alvalade que meia Lisboa elegante frequenta. O filme, é a célebre película «Chá e Simpatia», extraído da peça «Tea and Sympathy», de Robert Anderson, representada na Broadway pelos mesmos artistas que a reviveram agora na tela e que obteve um clamoroso êxito. Sem pretender considerar-me crítico ou qualquer outra coisa parecida, vou analisar-lhe o filme que vi.

A acção desenrola-se num colégio; dentro o destrambelhado rapaz que o frequenta, a câmara foca um deles: Tom Lee. A sua ingenuidade, a ignorância do convívio com outros rapazes e raparigas, a falta de carinho, de compreensão, retraído sob múltiplos complexos que o amarfanharam e o põem em dúvida sobre a sua masculinidade, tornam-no puro e alheio às andanças do coração e servem de pretexto, ante os colegas, para o considerarem a «menina Lee» — o bobó do colégio.

Um dia, Tom, sente-se atraído pela esposa do seu próprio professor. Este, notando o carinho e mesmo a atracção que a mulher sente pelo rapaz, grita-lhe desesperadamente que, a ele e a todos os outros, somente lhe dá autorização para lhes dar chá e simpatia. Todavia, essa figura gentil que dedica tão grande afecto (talvez dó e piedade) pela figura bizarra do rapaz, sente, também, o abandono total do marido para quem a mulher não é mais do que uma conveniência e um motivo para não se sentir só naquela casa. E, talvez por isso mesmo, dá-lhe chá, simpatia e aquele estímulo que ele, o desprezado Tom, julgava não existir.

O certo, porém, é que o rapaz compreende esse afecto, e torna-se impulsivo, constante, para demonstrar que é e sabe ser homem. Contudo, a sua tentativa redonda em fracasso e, desiludido, apela para o sentimento paternal. O pai, despreza-o ante aquele vazio e aquela atmosfera hostil com que os camaradas o rodeiam, e quer, impõe-se, que seja homem, que dance, que saia com raparigas, que seja como os outros são — e quando o filho procura uma mundana para se tornar «homem» e infringe o horário colegial estando prestes a ser expulso do estabelecimento escolar, o pai fica satisfeito. Diz ele que «todos nós fizemos o mesmo; o necessário é demonstrar que somos homens...» Mas a verdade, o drama do filho, era bem diferente. A mundana ri-lhe na cara, deitava-o e chamava-lhe «menina Lee». E Tom não pode mais viver. O seu mundo é diferente dos demais; o seu coração não tem carinho, conforto, e não sente amor. Resta-lhe uma amizade: a da mulher do seu professor. Mas essa amizade, talvez mais amor, não é sincera, pensa ele, é o dó, é a piedade por o ver repudiado por todos. E, num campo, aquando o desespero o domina já e a vida dentro em breve

vai ser extinguida pelas suas próprias mãos, surge-lhe a mulher compreensiva que o anima, estimula, e dá-lhe o seu próprio corpo para que a confiança se implante no seu «eu» e faça dele um homem sem complexos.

E isso sucede. Só por amor, ele poderia demonstrar a sua masculinidade e encontrar a verdadeira directriz que o orientasse pela vida fora...

A grande lição que «Chá e Simpatia» encerra, a objectividade do seu todo e a estrutura do seu conflito sentimental, é do nosso tempo. Não só o problema de Tom, como o da mulher do professor; e outrossim o próprio professor que não «pode viver numa lua-de-mel eterna», como as belas «recordações de França, Itália» aonde passou, enleou e amou a sua mulher. Para todos-quantos têm uma missão a cumprir na Vida, chá e simpatia não é suficiente. Há mais qualquer coisa: compreensão, carinho, assistência e amor — amor sincero que ultrapasse uma chibara de chá e uma vulgar simpatia.

E-nos, infelizmente, franqueada a porta disfarçada da corrupta sociedade dos nossos dias para que possamos constatar a veracidade de tais factos. E através dela podemos ver o mesmo chá e a mesma simpatia. Nada mais se nos apresenta. O filho mascara o seu rancor; o pai encolhe os ombros, conta os segundos e os minutos, numa constante lufalufada da sua vida profissional, e a mãe, que além de ser mãe é mulher também, sente aquele vácuo, a triste solidão, a inutilidade de uma vida consagrada a quem o egoísmo de viver não pode dispor de tempo para se preocupar em tornar a vida conjugal numa eterna e doce lua-de-mel... ou numa vida, pelo menos, onde haja uma parcela mínima de compreensão.

Muitos rapazes que vivem neste agitado planeta, têm os mesmos sintomas de inutilidade, incompreensão e falta de apoio moral. Dão-lhe chá e simpatia, sómente. Mas repudiam-no (vós, leitora amiga) porque não é moderno, não é nenhum Adónis; pelo contrário, é tímido, vive no seu restrito mundo do silêncio e da inadaptação, e lutam com falta de um carinho, de um estímulo, de umas mãos amigas que lhes oriente a ingenuidade e os bons sentimentos. Não é necessário demonstrar-se que se é «homem» ou «mulher», recorrendo a outros meios. Para além da simpatia, existe algo mais dignificante e que pode transformar um homem: a compreensão e o amor. Dar-se-lhe chá e simpatia, virando as costas aos seus múltiplos problemas íntimos, não é humano; é, sim, aumentar a hipocrisia simpatia dos nossos dias!

Emilio Valongo

RAFAEL ALMEIDA SANTOS
RUA DIOGO CÃO, 20 - EVORA
TRATA DE TODA A DOCUMENTAÇÃO PARA AUTOMÓVEIS, EXAMES E TROCA DE CARTAS MILITARES. INFORMAÇÕES GRATUITAS A AGENCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAIS.

ENVIADA
VENDE-SE. EQUIPADA COM MOTOR «DEUTZ» DE 36/40 H. P.
PORÃO AMPLO. COMPRIMENTO 12,50 metros
Tratar na rua D. Carlos I, 14-A
PORTIMÃO

VAI A LISBOA?
VISITE A GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS MODELARES SALÕES DE
MÓVEIS JANEL
NA RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76-A

VENDE-SE

UMA MOTO MARCA «ARIEL»
com 350 c. c. de cilindrada
Informa-se nesta Redacção

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM LISBOA
na Tabacaria Antunes & C.
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)



serras - serrotes

DEMÁS FERRAMENTAS PARA AS INDUSTRIAS DE MADEIRA, CORTIÇA, CURTUMES, E MINAS

fita de serro

KLOSTER

F. RAMADA Lda

OVAR

LISBOA • PORTO • AGUEDA • LUANDA

ACOS

sucos de qualidade para todos os fins